



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

JOGOS E BRINCADEIRAS NO CONTEXTO DA CRIANÇA XOKLENG/LAKLÃNÕ

Átila Mokli Patté

Florianópolis, 2020.

Átila Mokli Patté

JOGOS E BRINCADEIRAS NO CONTEXTO DA CRIANÇA XOKLENG/LAKLÃNÕ

Artigo apresentado para obtenção de grau do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, na Terminalidade Artes e Linguagens, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Licenciado, sob orientação da Profa. Ma. Silvia Maria de Oliveira.

Florianópolis, 2020.

Átila Mokli Patté

JOGOS E BRINCADEIRAS NO CONTEXTO DA CRIANÇA XOKLENG/LAKLÃNÕ

Este Artigo de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciado” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do sul da Mata Atlântica

Florianópolis, 13 de fevereiro de 2020.

Prof. Dra. Evelyn Martina S. Zea
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Profa. Ma. Silvia Maria de Oliveira
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Dra. Edilma Nascimento Jacinto Monteiro
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Dra. Clarissa Rocha de Melo
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA
MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 13 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 13 horas, na Sala 322 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela professora orientadora e Silvia Maria de Oliveira e Presidente, Professora Clarissa Rocha de Melo, Membro da Banca, e Professora Edilma Nascimento Jacinto Monteiro Membro da Banca, designados pela Portaria nº 37 Clarissa Rocha de Melo /2020/HST/CFH, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Átila Mokli Patté, subordinado ao título “Jogos e Brincadeiras no Contexto da Criança Xokleng/Laklãnõ”.

Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo candidato recebido da Professora Clarissa Rocha de Melo, a nota final 9,0, da Professora Edilma Nascimento Jacinto Monteiro, a nota final 9,0 e da Professora Silvia Maria de Oliveira, a nota final 9,0; sendo aprovada com a nota final 9,0.

O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 13 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. Silvia Maria de Oliveira

Prof. Edilma do Nascimento J. Monteiro

Prof. Clarissa Rocha de Melo

Candidato Átila Mokli Patté



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-4879

Atesto que o acadêmico(a) Átila Mokli Patté, matrícula n.º 16105918, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Jogos e brincadeiras no contexto da criança Xokleng/Laklãnõ, com as devidas correções sugeridas, pela banca de defesa.

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2020.

Assinatura manuscrita em azul sobre uma linha horizontal.

Orientador(a)

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Patté, Átila Mokli
JOGOS E BRINCADEIRAS NO CONTEXTO DA CRIANÇA
XOKLENG/LAKLÂNÔ / Átila Mokli Patté ; orientador, Silvia
Maria de Oliveira, .
20 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, .

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica. 2. Brincadeira . 3. Aprendizagem. 4.
Xokleng/Laklânô . I. de Oliveira, Silvia Maria. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura
Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. III. Título.

JOGOS E BRINCADEIRAS NO CONTEXTO DA CRIANÇA XOKLENG/LAKLÃNÕ

Átila Mokli Patté

Resumo

As brincadeiras são formas de divertimento, contribuem muito para a aprendizagem e o desenvolvimento físico e emocional da criança. Sabemos que, para manter o seu equilíbrio, a criança necessita brincar, jogar, imaginar e criar. A forma de aprendizagem passa de geração para geração, porém o povo Xokleng/Laklãnõ viveu, e ainda vive, vários processos de interferência desde a colonização: pelo contato com o não índio, que não foi nada pacífico em todos os sentidos, trazendo a primeira escola, a igreja, com a sua doutrina rígida, que nos acarretou muita mudança de vida, a construção da Barragem Norte, que foi a mais impactante, porque mudou totalmente a forma de viver do povo Xokleng/Laklãnõ. Hoje, a tecnologia digital também se tornou uma grande interferência no modo de ser índio. No entanto, esse povo é tão forte que passou por tudo isso, mas continua vivo, sempre transmitindo o seu conhecimento e a escola vem se tornando uma grande aliada na transmissão da língua e da cultura.

Palavras-chave: Brincadeira. Aprendizagem. Xokleng/Laklãnõ.

De to vānhláglán

Ēnh vānhláglán ke tóg ti ki nũ,ũ liken kũ jĕl Xokleng/ Laklãnõ óg klo ké mũ,blé vel ũ liken kũ vaha óg klo ké mũ kabén nũ tĕ.

Ētxõ to vānhláglán ti jé jĕl tõ vaha nõdĕ tóg ti óg klo ban vanha kũ tĕ.Dén jógdĕg blé gájun vagzul kabág tĕ,tóg ti to óg ĕ klo ké ke mũ ti mĕ to vanh mũ.

Vātxy ti ka agónhka txi ti óg,kute ti klā vājõ blé klo kũ vel to vānhkágzĕ kũ mĕ vājõ nõdĕ ké ke mũ.Jagló vaha ĕtxõ nã vy kũ jĕl tĕ tóg ti óg ĕ klonh ke ti mĕ tohānhge gé ke mũ

Ētxõ to a klén ve ti ka,ĕnh jáklĕ mō ké ji zug óg blé óg vĕ kũ, vel óg blé mĕ jāgnĕ kũ óg klo ban vanh vā. Jagló ĕ tō óg tō ĕ klo ké ke jó ti tohānhge ké vā.

Vātxõ ti ka goj bág zug tō kónhgág óg nĕzĕj kamũ mũ.Kũ āgónhka tō tá kabág óg,óg blé mĕ jāgnĕ mũ.Kũ óg kabén ti kũ óg klā ti óg zug óg klā óg klo mĕ liké ké ke mũ.

Kũ ĕtxõ jĕl Xokleng/ Laklãnõ óg klo ké ke mũ mĕtũg tóg ve kũ ĕtxõ tō vānhláglán vā.Ag tō to kálũ blé tátag nõdĕ tóg ti tō to aklén djé.Ēnh jáklĕ mō ké ji,tá ti óg ĕ kabén kũ,kónhgág ti óg vel ĕ káplũg gũ ĕ klā ti óg dén plu txi óg klo ké ke jó a ki ĕ klā ti óg kaglóg ji.Jé nã āgglĕnĕ ĕn ti ló mũ ke jāg, jāgló nã dén plu txi óg klo ké ke jó ti ki nã ag klā ti óg kaglón jāg.Like tũ ĕ ta ti kũ ag tō āgónhka jógzĕ tóg ti vũ mĕ tũg tĕ.Kũ nã mĕ to aklén jāg.

Tog to ĕnh vānhláglán vā: Jĕl Xokleng/Laklãnõ óg Klo

Pesquisa apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos requisitos para obter o título de Licenciado em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, sob a orientação da Professora Ma. Sílvia Maria de Oliveira.

Introdução

Neste trabalho, busquei pesquisar sobre jogos e brincadeiras que nossos antepassados praticavam e que, hoje, estão esquecidos por nós, adultos, que não damos continuidade ao que nós mesmos aprendemos. Depois do contato, o povo Xokleng sofreu muitas interferências no seu modo de viver. Com o suceder do tempo, passamos a praticar o que era do não indígena, com isso, foi se perdendo os costumes e a cultura do povo. Hoje, as brincadeiras e práticas esportivas são feitas e faladas na língua dos brancos.

Nossa língua, nossas brincadeiras e práticas estão sendo esquecidas muito rapidamente, pois a tecnologia digital já invadiu as aldeias. Antigamente, íamos ao rio nadar e brincar, e nos comunicávamos na língua xokleng. Isso não existe mais. Hoje, não saímos de casa e nem nos encontramos mais, as brincadeiras e jogos já foram esquecidos e a nossa língua está quase acabando.

Meu sonho é que se pudesse preservar a língua materna xokleng e voltar a brincar e jogar como nossos antepassados faziam, em nosso dia a dia, não apenas nas datas comemorativas, como é feito atualmente. E aproveitar os anciões para que nos repassem seus conhecimentos antes que não estejam mais aqui, levando com eles nossa história, cultura e tradições.

Para isso, visitei e entrevistei anciões da comunidade, pesquisando sobre fatos importantes para os Xokleng, buscando compreender a cultura e o comportamento do povo, após ter vivenciado vários processos de interferência em seu modo de viver.

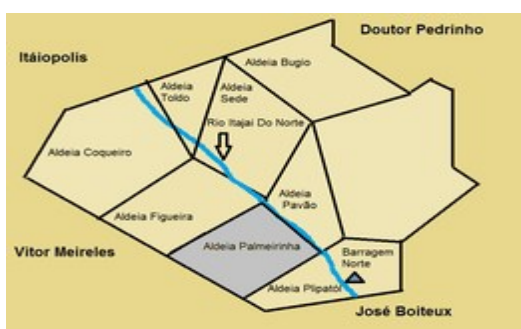
Busquei respeitar os anciões, ouvindo com atenção tudo o que me foi repassado, não só aquilo que era interessante no momento, porque os anciões têm vontade de falar o que sentem e acabam desabafando, embora sempre manifestando o seu compromisso com o povo Xokleng/Laklãõ.

Neste trabalho, o meu intuito é discorrer sobre os efeitos danosos causados pelo contato, como a doutrina da igreja, que foi utilizada de forma abusiva com os índios, introduzindo novas formas de viver, para que deixassem de lado o seu modo de ser, para que se tornassem pacíficos. Também a escola teve sua participação na perda da identidade indígena, e mais o avanço da tecnologia, que está acabando com tudo o que resta, que está fazendo com que as novas gerações fiquem trancadas em casa, isoladas do mundo e da liberdade. A tecnologia que faz com que nem os parentes se conheçam mais, que está afastando uns aos outros, proporcionando totalmente a perda da cultura e das tradições.

Terra Indígena Laklãnõ

A Terra Indígena Laklãnõ está situada na região do Alto Vale do Itajaí, a 260 km da capital do Estado de Santa Catarina, entre os municípios de José Boiteux, Vitor Meireles, Doutor Pedrinho e Itaiópolis. A organização social do povo, na atualidade, pode ser considerada como uma mesclagem do tradicional com a cultura não indígena, devido a Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, do Serviço de Proteção ao Índio – SPI, responsável pelo contato com os índios Xokleng em 22 de setembro de 1914.

Figura 1 - Mapa da Terra Indígena Laklãnõ



Fonte: internet.

A Terra Indígena Laklãnõ está dividida em nove aldeias, sendo elas: Toldo, Coqueiro, Figueira, Palmeirinha, Barragem, Pavão, Sede e Bugio e uma nova aldeia, Kóplán. Cada aldeia tem um Cacique Regional, que representa e busca benefícios de interesse de sua comunidade. Existe o Cacique Presidente, que representa a Terra Indígena como um todo diante das autoridades, defendendo os direitos da comunidade e reivindicando benefícios para toda a T. I.

A política interna da Terra Indígena Laklãnõ é regulamentada por um Regimento Interno, que determina a organização de eleições a cada quatro anos, com direito a uma reeleição para os ocupantes dos cargos. O Regimento Interno Laklãnõ prevê que as eleições devem ser organizadas por um juiz eleitoral, que é votado pelos Caciques Regionais e nomeado pelo Cacique Presidente. Esse juiz recebe uma portaria emitida e assinada por todos os Caciques, concedendo-lhe autonomia para a elaboração e execução de todo o processo eleitoral. O mesmo regimento diz que os cargos de caciques são voluntários.

Segundo dados da Secretaria Especial da Saúde indígena, do Polo Base de José Boiteux, em fevereiro de 2020, a população da T.I. Laklãnõ é de 2.209 habitantes, sendo 549 crianças de 0 a 09 anos e 333 de 10 a 15 anos. Temos ainda nossos anciões que são 118.

As moradias são de alvenaria ou madeira, com famílias sempre umas ao lado das outras, ou até na mesma casa, sendo reconhecidas por seu sobrenome. Caxias, Camlem, Namblá, Patté, Ciri, Priprá e Monconã, são os mais comuns na T. I.

A alimentação, hoje em dia, se dá com alimentos comprados nos mercados das cidades vizinhas à Terra Indígena. O centro de José Boiteux é o mais próximo e mais frequentado para a aquisição de alimentos, como para os atendimentos de saúde. Muitos ainda pescam e poucos ainda caçam para se alimentar, mas essa prática está deixando de fazer parte do dia a dia do povo Xokleng/Laklãnõ, uma vez que a mata e os bichos estão se acabando e os alimentos industrializados acabam sendo mais práticos.

Entrevistas com os anciões

Segundo o ancião Edu Priprá, 71 anos, o território que os Xokleng ocupavam não era bem definido. Andavam até onde encontravam alimentos. Nesse trajeto, aprendiam tudo para a sua sobrevivência e, através desse modo de sobrevivência, brincavam. Quando saíam para fazer coletas, as crianças Xokleng iam junto para aprender. A forma de brincar já era um aprendizado: fabricavam artesanato e, para suas caças e defesa, um armamento, que era chamado de kaplé (flecha para criança treinar), com isso, as crianças já brincavam e atiravam para aprender a se defender.

Depois do contato, os Xokleng começaram a pescar, aprenderam a mergulhar e a nadar. Nesse tempo, existia um Xokleng, chamado de gigante, pois tinha as costas muito grandes, de mais ou menos um metro. Por serem tão largas, quando ele nadava, fazia onda no rio e afogava os seus adversários. Isso depois do contato, porque antes, os Xokleng tinham medo da água. Só a utilizavam água para beber ou quando eram obrigados a fazer uma travessia para o outro lado do rio.

Aprendia-se tudo isso quando se era criança, para que quando se estivesse adulto, já estarmos preparados para a vida e sustentar a família. No percurso que os Xokleng faziam atrás de alimentos, é que tudo acontecia. Brincavam de muitas formas: subiam em árvores, atiravam de arco e flecha e aprendiam várias práticas. Também existia a luta corporal, que faziam para a sua própria defesa contra animais, como a onça, e para brincar e já aprender como ser um grande guerreiro. Havia um esporte, muito praticado pelos Xokleng, que era o

kaving (a peteca). A bola era toda coberta de penas, e jogavam um contra o outro, sendo que homens e mulheres jogavam sempre separados.

Segundo o ancião, com a chegada dos brancos e da escola, essa cultura foi deixada de lado, pois foi apresentada a bola que virou uma paixão. Só se jogava bola. Os Xokleng sempre jogavam descalços e ainda quebravam a perna dos brancos que jogavam de chuteiras. Eles saíam muito para jogar bola. Iam jogar em Timbó, Bom Sucesso e na Lousa, lugares fora da aldeia, e sempre se comunicavam na língua xokleng, uma porque não sabiam muito bem o português e outra, por ser uma estratégia:

Jó zun (joga pra mim),

Enh klé to zun (joga na minha cabeça),

Ké ti pãng (passa rápido).

Assim, a língua era usada de forma estratégica, para confundir o adversário.

Segundo o ancião Willi Ndili, de 77 anos, os meninos, desde pequenos, sempre andavam com o pai. Se o pai era caçador, o filho ia junto; quando o pai matava um bicho, o filho ia pegar; quando o bicho trancava em cima da árvore, o filho subia lá. O pai fazia flecha para o filho e depois que vinham da caçada, faziam uma fogueira, em torno da qual, todos se reuniam e assavam a o bicho. Ali, tinha de tudo: danças, músicas, casamento e sempre faziam as trovas, espécie de duelo de rimas, em que disputavam entre um e outro. Também havia cantos e o jogo da peteca, era uma grande festa quando isso acontecia. Tudo isso, as crianças aprendiam brincando, tudo que os mais velhos faziam, já ensinavam às crianças.

Ali, tinha de tudo: danças, músicas, casamento, trovas e o jogo da peteca, era uma grande festa quando isso acontecia. Tudo isso, as crianças aprendiam brincando, tudo que os mais velhos faziam, já ensinavam às crianças.

Havia outras brincadeiras, como a que se colocava um sabugo a uma distância de 20 metros e se tentava acertá-lo com pedras: quem derrubava primeiro, ganhava. E bola, que jogavam muito. Quando aprenderam a jogar, o primeiro jogo foi contra a Lousa, na aldeia. Um outro lugar que os Xokleng gostavam de ir era no Engenho, onde ficavam brincando e jogando, pois ali tinha um campo que media 90 de comprimento e 70 de largura. Depois do primeiro jogo na aldeia, foram jogar o segundo na Lousa, uma comunidade fora da aldeia, e foram todos de canoa rio acima. Quando saíam para jogar, as crianças sempre iam também, já iam pescando e nadando: tudo isso foi o Eduardo que ensinou ou mandou eles aprenderem e deixarem a cultura de lado.

Como os Xokleng eram coletores e viviam atrás de alimentos, ensinavam tudo às crianças e era tudo falado na língua materna ou em formas de gestos, enquanto as crianças

eram muito pequenas e ainda não sabiam como falar. Existia muita comunicação: quando saíam para caça ou coleta e se distanciavam, gritavam uns para os outros, como se fossem bichos, imitando os bichos mesmo, assim, se disfarçavam para que os inimigos não pudessem reconhecê-los, e isso tudo era ensinado.

Na minha pesquisa com Edu Priprá, as formas de ensinar as crianças, era através da caça, porque sempre saíam para caçar com seus filhos e assim já ensinavam a língua materna, falando para pegar o bicho que foi morto, pegar a fecha, pegar água, tudo isso no idioma, e ainda eram carregados nas costas como se fossem bebês.

Willi Ndili falou que as crianças sempre andavam com os pais, fazendo tudo o que eles faziam. Quando a caçada era boa, quando matavam muitos bichos, ou até mesmo quando faziam uma boa pescada, e que dava para toda a aldeia, isso era motivo de festa e as crianças ficavam ao redor do fogo para aprender. As conversas sobre as coisas que faziam, as histórias sobre as caçadas, eram muito importantes para as crianças ouvirem.

Como os Xokleng viviam sem paradas fixas, os seus corpos eram preparados para tudo. Nas brincadeiras, ganhavam força e resistência, porque se formavam guerreiros, prontos para a guerra. Por meio das brincadeiras, o corpo, a cada passo, ia adquirindo resistência, tanto nas águas para ter um ótimo mergulho, quanto para correr atrás de bichos ou até mesmo para ajudar os seus parentes. Antigamente, utilizavam fortificantes para os tornozelos e os pés, que eram feitos com um tipo de corda, feita com a casca de uma planta chamada embira, que era muito resistente. Essa corda era amarrada nos tornozelos desde crianças, e conforme se crescia ia fortalecendo os tornozelos, para subir em árvores e barrancos. Também era feita uma erva medicinal que se tomava para tirar os inchaços que ficavam na adaptação e para fortalecer as pernas, para não se ter problemas na hora de fazer algo que necessitasse de força nos pés. Nos tempos de hoje, não temos essa preocupação, e por isso, temos vários problemas nas pernas, joelhos e tornozelos. Fazemos força sem estar com o corpo preparado. Até mesmo sem fazer muita força, nosso corpo ainda deveria ser preparado.

Segundo Edu Priprá, antes do contato, os índios Xokleng viviam na mata, isolados, onde aprendiam a fazer de tudo para sobreviver: caçavam, pescavam, plantavam. Os homens eram responsáveis pela caça e pesca, e ficavam o dia inteiro na mata caçando. Quando a caçada era longe, ficavam até três dias fora da aldeia. Quando era de um dia, levavam os filhos junto para ensinar, mostrando para eles como acontecia a caçada. Os meninos aprendiam a caçar com as armas dos pais, o arco e a flecha, que eram muito grandes para eles, aprendendo, assim, a dominar a arma. Os adultos também fabricavam uma arma especial para as crianças treinar e aprender a caçar, uma flecha infantil chamada de kaplé.

Quando o pai saía para caçar, o filho ia junto para brincar de caçar e já aprendia. Quando o bicho era morto, o filho buscava. Apesar disso, os filhos ainda eram como se fossem bebês deles, pois mesmo com 10 anos, ainda eram carregados num cesto nas costas. Os pais iam ensinando aos filhos como se procurava a caça pelo rastro do animal. Nem precisavam de cachorro. Sempre dava certo, porque eles tinham espírito de bicho: se faziam de bicho, incorporavam e faziam igual à caça que queriam, indo no lugar e achando o ninho dos animais. Faziam todo tipo de som. Piavam igual a paca e o filhos já aprendiam a fazer também. Quando matavam um bicho, ensinavam os filhos a cortar a melhor parte que ficava abaixo da costela, chamada kotú, e o resto da caça levavam para a família e para a comunidade

Os Xokleng não gostavam muito do rio, pois acreditavam que, na água, havia um espírito que os puxaria para o fundo e não os traria mais para cima. Só passavam pelo rio por necessidade, até pescavam, sempre com flecha, mas não de forma frequente. Gostavam das valadas, onde havia muita fruta e, por consequência, muitos bichos para matar. Seguiam o curso do rio, acampando em suas margens, porque, ali, tinha fruta, como a gabiroba. A construção da Barragem Norte, em 1976, acabou com as frutas das margens do rio, porque houve muitas inundações.

O homem Xokleng sempre andava sozinho quando saía para caçar e para procurar alimentos, e por isso, tinha muita visão. Acreditava que os espíritos das árvores e dos bichos o acompanhava, mostrando o caminho onde estava a caça. E ele ia sozinho porque, assim, mostrava que era muito bom. Para isso, sempre que encontrava algum bicho, matava-o. Até com onça lutava, e só por um descuido, a onça vencida.

As mulheres ficavam sempre no acampamento, para tirar lenha, buscar água, arrumar o acampamento, buscar alimentos, à espera dos maridos que foram caçar. As meninas ficavam junto das mães, para aprender a fazer os serviços que cabiam à mulher. Elas buscavam o plina (samambaia), para fazer a cama onde dormiam, e eram responsáveis pela cozinha, socavam o pinhão e deixavam tudo pronto em um ou dois dias.

Quando a caça era farta, sempre se encontravam no centro da aldeia, para fazer a comemoração, com danças, músicas e trovas. E as crianças sempre junto, para aprender a cantar, dançar e trovar. A música também era para quando morria alguém. Dependendo da marca, ficavam muito tempo de luto. As marcas corporais eram feitas em rituais e representavam os espíritos de determinados animais. Eram usadas para diferenciar uma família da outra. Hoje, os sobrenomes são mais utilizados.

Agglan (festa, dança) era feita em momentos especiais ao redor do fogo, onde também se jogava o kaving (peteca). Quando a colheita do pinhão era abundante, faziam danças e brincavam. Hoje em dia, festas são feitas apenas em ocasiões especiais, como o Dia do Índio, em 19 de abril, e o Dia do Contato, em 22 de setembro, com apresentações, danças e comidas típicas. Essas festas duram uma semana.

Infâncias Xokleng/Laklãnõ: brincar e aprender

As formas de brincar são muito importantes para o aprendizado. Os Xokleng viviam em liberdade total para brincar e assim, aprender para a própria sobrevivência. Aprendiam a nadar para conseguir dominar a água de várias formas, para pescar, pegar o peixe com a mão, mergulhar quando trancava o anzol, a rede, a tarrafa, ou até mesmo buscar a canoa que estava do outro lado do rio, por isso, tinham que aprender a dominar a água. A forma mais prática era aprendendo diretamente na água, desde pequeno, tendo que dominar o corpo e a mente.

Desde pequenos e já em contato com a água, os filhos iam com os pais pescar, andar de canoa, iam junto no rio para tomar banho. Ficavam observando o que os mais velhos faziam, brincavam de mergulhar, nadar, atravessar o rio a nado ou mergulhando, pegavam peixe com as mãos, faziam corrida de canoa e pega-pega na água. Isso, só quem sabia nadar. Então, a criança que ia junto, ficava olhando os adultos na água e, assim, ficava com vontade de aprender a nadar. Era uma forma de incentivo para a criança, que compreendia que era fácil. O pai ou irmão mais velho ensinava a entrar no rio e ficava de olho para que não se afogasse. Depois disso, não precisava mais cuidar, pois a criança começava a nadar, aprendendo a fazer tudo o que os adultos fazem no rio, para sua sobrevivência e para sua própria alimentação.

Depois que o menino entra na água, tem que aprender a nadar sozinho, mergulhar, cruzar o rio, nadar contra a correnteza, tudo isso sozinho com o seu próprio esforço, para dominar e conhecer o segredo do rio, para não ter problema com a água. Depois de aprender tudo isso, já está pronto para brincar e conseguir prover a sua alimentação.

E assim se dava a aprendizagem para nadar, de forma natural e sem medo de acontecer alguma coisa. Ninguém tinha medo de aprender a nadar, as crianças tinham muita liberdade para aprender muitas coisas, para brincar no rio, não era apenas nadar, e sim, se divertir. Hoje em dia, essa liberdade não existe mais, isso pelo medo de a criança se machucar. Muitas coisas não são feitas pelo medo.

Desde pequeno, se aprende a cruzar de uma canoa para a outra dentro da água, ficando pendurado na canoa e tendo que se esforçar para não cair na água. Isso era para mostrar a força que tínhamos e aprender a dominar a canoa. Da mesma forma, quando a canoa balançava de um lado para outro e tínhamos que nos manter em pé, ou quando se vinha nadando contra as ondas que a canoa fazia até chegar à ela, muitas vezes tomando água, mas não desistindo. Tudo isso era forma de aprender, brincar e se divertir.

Depois disso tudo, já preparados para ajudar a família, quando se chegava da escola e não tinha peixe, íamos para rio, para pegar peixes com as mãos ou mergulhando, levando-os para a casa, para a mãe cozinhar.

E depois disso, voltar para o rio para brincar de novo e para pegar mais peixes para comer à noite. Além de brincar no rio, também subíamos em árvores para colher frutas, passando de um galho para outro sem descer da árvore. Passava-se de um lado para outro, subindo até na ponta da árvore, às vezes, caíamos, mas subíamos de novo. Mesmo quando era picado por um marimbondo, ficando com o olho inchado, nunca desistíamos de voltar a subir nas árvores. Era uma forma de brincar e, ao mesmo tempo, aprender a pegar as frutas. Subíamos em pés de laranja, cheios de espinho, para tirar uma ou duas. Quanto mais difícil a árvore, mais nos desafiávamos para ver quem subia. Subíamos em árvores até para ver se havia mel para tirar.

Aprendi também a caçar com funda (estilingue) e fazer arapuca (armadilha feita com pequenos galhos de árvores em formato de casinha), para pegar passarinho. Pegávamos bastante rola em arapuca. A minha avó fez um preparado para eu ficar bom e não errar nenhum tiro. Ela tirou o coração de um passarinho que eu peguei, e o misturou com uma planta e mais alguma coisa e queimou no fogo até virar carvão. Aí, ela amassou tudo junto e me deu para comer. Fiquei muito bom, pois não errava nenhum tiro e matava muito passarinho.

Quando iam brincar no mato, os meninos aprendiam a tirar lenha, que era utilizada no fogão, e a derrubar madeira para ver onde ela ia cair. Começavam a derrubar sempre as pequenas, e quando iam pegando prática, aumentavam o tamanho da árvore. Quando viam um pé de coqueiro, sabiam que podiam derrubar para tirar palmito, para levar para casa e comer como salada ou sopa e, que com o passar do tempo, o pé do coqueiro que foi cortado sempre ficava podre, criando um bichinho que se chamava zegun (bicho do coqueiro), que era frito, cozido ou assado, e que era uma verdadeira delícia. Essas coisas eu aprendi desde cedo para a sobrevivência, mas sempre através da brincadeira.

Além disso, existiam muitas formas de brincar pela estrada, além de ir atrás de pé de goiaba, já iam brincando de pega-pega, de se esconder para ver quem achava, de corrida, e também cortavam um galho de árvore para fazer poeira na estrada e quem ficava para trás, ficava na poeira. Brincava-se na chuva, e de fazer barragem para um destruir a do outro, isso sem saber que existia uma enorme barragem logo abaixo de nós. Assim, eram as brincadeiras nos dias de chuva. Brincávamos na casa um do outro, dos parentes, dos amigos, o dia inteiro brincando. Saíamos para brincar e sempre se encontrava algo para comer, lá, aonde íamos brincar. Para ir à cachoeira, gritávamos um para o outro, mesmo um morando no outro lado do rio, convidando sempre no idioma:

Goj lo blonh je munh (vamos nadar no rio ou cachoeira?)

Un no ag ble munh je (quem vai junto?)

Há lo na munnh je (para aonde nós vamos?)

Uno ag ble te je (quem vai conosco?)

De bom a te (o que você está levando?)

Ke ti na ka um je (vamos voltar cedo)

Assim, eram os convites que fazíamos uns aos outros. Passávamos na casa dos amigos e jogávamos muita bola, que, às vezes, era de plástico e, outras vezes, de couro. Jogávamos em casa mesmo, ou no pátio da escola, com muitos amigos e primos. Jogando até anoitecer e sempre todos juntos, voltávamos para casa rindo e conversando.

Também brinquei muito na escola onde estudava, brincava de pego, de jogar bola e aprendi a jogar clica (bola de gude). Nesse tempo, não conhecia ninguém além da minha aldeia, nem sabia que existia uma escola dos brancos ali perto.

Figura 2 - Brincadeiras da minha infância

Clica (bola de gude)	Esconde-esconde	Pique-bandeira
Pega-pega	Derrubar árvores	Corrida
Corrida com galho de árvore	Pega-congela	Corrida de nadar
Mergulhar e achar a pedra	Mata-soldado	Corrida de mergulhar
Escorregar na lama	Amarelinha	

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Existia gente branca que morava do outro lado do rio, mais abaixo de nós, quando os meus avós vieram morar em uma nova aldeia. Logo, tive que morar junto com eles e fui

matriculado na escola nova que era dos brancos. Eu ia de ônibus e aprendi muitas brincadeiras e jogos que não conhecia. Também aprendi a falar só em português.

Com aproximadamente 11 anos comecei a frequentar a igreja com minha mãe, só porque ela aceitou a Deus, tive que ir à igreja com ela, e com isso não pude fazer mais nada, era tudo pecado. Daí não pude mais jogar bola com meus amigos. Alguns deles também iam à igreja também, outros não seguiam muito forte a doutrina e jogavam bola e brincavam. Eu tive que me afastar desses amigos.

A doutrina passada é tão forte e nada deixa fazer. As brincadeiras aprendidas na escola não são mais possíveis, como jogar clica, bola, entre outras coisas. Temos que ficar em casa, não se pode sair na rua ou ficar na noite, nem conversar com as meninas no escuro. Quem era da igreja tinha que proceder assim, até porque os pais eram muitos criticados pelo pastor da igreja.

Por outro lado, a igreja acaba tendo um papel muito importante na vida das crianças, porque mostra para elas que sempre temos que andar no caminho certo, respeitando o próximo como seu irmão e, também, a igreja ensina que existem coisas ruins que podem levar a pessoa ao mau caminho, como: drogas, bebidas e doenças. Ela sempre alerta sobre isso, mas a doutrina é tão severa que acaba tirando as pessoas da igreja.

De acordo com Hoerhann (2008, p.57-58),

Relatórios do serviço de proteção aos índios SPI, do mês de maio, devido a sua doutrina positivista, o SPI teve mais dificuldades do que a igreja cristã na conversão dos indígenas, pois descartava de seus métodos o uso do sobrenatural. O cristianismo logrou sucesso em um determinado período de nossa história porque sua persuasão baseada na culpa do sofrimento, na vida ordeira, na crença escatológica e na possibilidade de existência póstuma em um mundo perfeito, era muito mais eficiente do que a argumentação utilizada pelos líderes do SPI, sugerir que a vida campestre seria mais vantajosa do que o tradicional nomadismo praticado por milênios, não era de fato uma tarefa simples o que forçou os indígenas a abandonar seus costumes gradativamente.

Com a vinda da igreja, foram utilizadas várias formas de impedir o modo de viver, usando uma maneira não muito agressiva para fazer os índios Xokleng pararem de fazer o que sempre faziam, que era ir atrás de seus alimentos, fazer suas caçadas. Com isso perderam muito, por permanecer num lugar fixo, tiveram que produzir para comer. Como não era o seu extinto fazer essas coisas, não gostavam e sempre fugiam, mas Eduardo sempre os buscava.

O sobrenatural que Hoerhann menciona, são os espíritos com quem os índios falavam para que os protegessem de todo o perigo. A igreja consegue fazer com que parem de sair de suas terras e o governo delimitando suas andanças, se perdeu muito com isso. Não se caçava, não se pescava, não se subia mais em árvores para pegar frutas, isso porque o governo queria

o desenvolvimento do estado, e os indígenas significavam o atraso. Por isso, o interesse de demarcar a terra para os índios e por estarem em conflito com os não indígenas da região. A igreja teve papel importante na pacificação dos indígenas, assim, dando início à grande perda cultural e tradicional. A igreja chegou com uma doutrina tão forte, e deu certo, porque os índios aceitaram que não podiam mais fazer o que faziam, como dançar e falar com os espíritos que os protegiam. Tiveram que mudar toda a sua forma de viver para aceitar a nova doutrina.

Essa doutrina foi passada de geração para geração, deixando de lado a forma de ser indígena. Começaram a usar roupas que não mostrassem o seu corpo, pois segundo a doutrina, era “pecado” e não podiam mais nadar pelados no rio. Isso tudo servia para prender o índio, para o desenvolvimento do estado.

Até hoje, isso existe na comunidade. Com essa doutrina, não se pode fazer nada, porque tudo é pecado. Não se pode mais competir, jogar para ganhar, pois a doutrina não deixa, não se pode mais jogar bola, que o jogo é pecado. Muitas brincadeiras foram perdidas.

Até hoje, vivemos sob essa doutrina. A mãe fica cuidando do seu filho, para ele não cometer um pecado, e sempre tem que estar na igreja. Nem na escola, pode fazer brincadeiras e jogar, pois é tudo pecado. Porém, quando se sai para estudar fora da aldeia, se pode tudo, por isso, não sabemos como vai acabar nossa história.

Infâncias Xokleng/Laklãnõ: interferências e forma de aprendizagem

Os Xokleng/Laklãnõ têm grande preocupação com a segurança dos filhos. As pessoas chamam isso de medo de tudo: medo de seu filho se machucar, da influência de outros no seu comportamento, do tráfico de drogas, da violência, do trânsito de carros na aldeia, de ser mal falado. Os filhos são proibidos até de saírem na rua para não sujarem a roupa, ficando trancados em casa.

As crianças, ao nascer, dependem dos pais até aprenderem a se manter em pé e, aos poucos, vão conseguindo a sua independência. Passado esse processo, o filho começa a ajudar em casa, por exemplo, a cuidar dos irmãos mais novos, limpar a casa, lavar a louça, dobrar roupa etc., tarefas principalmente das meninas. Além disso, é bom ressaltar o brincar e o aprender, pois é brincando que se aprende a vida indígena. Isso ainda acontece em algumas famílias, que seguem essa rotina na vida.

As crianças de hoje, têm muita liberdade, mas não brincam mais entre elas, só ficam no celular, no computador ou na frente da tv, não têm de brincar e até mesmo ajudar no

serviço de casa. Deitam-se tarde e acordam cedo para ir à escola, ou não vão para a escola, por preguiça ou porque perdem o ônibus. Se vão para a escola, ao voltar, já pegam o celular, ou dormem, porque dormiram tarde à noite e, assim, passam o dia sem fazer nada. A mãe chama para os afazeres de casa, mas não ajudam e só ficam enrolando, não brincam e não fazem como antigamente. Desde pequenos, já pegam o celular dos pais ou os próprios pais dão para os filhos, para eles pararem de chorar. Então, desde pequenos, já sabem que o celular acalma.

Na nossa T.I, há crianças que não sabem onde fica o rio, que nunca entraram na água, não sabem nadar e nunca pescaram. Hoje em dia, as crianças têm menos vontade de aprender as coisas de crianças, e os pais também não fazem muita força para isso, nem a língua materna eles ensinam para os filhos. A maioria das crianças não sabe falar a língua indígena e algumas só entendem, isso porque as crianças estão muito desligadas dos pais e os pais desligados de seus filhos. O artesanato também fica de lado, não se preocupam em ensinar para os filhos, muitos não sabem nem como fazer um colar. Não saem de casa para brincar com os primos, os amigos e os vizinhos. Hoje, é tudo pelo celular. Perguntam se dá para brincar pelo celular e ninguém vai na casa de ninguém, ninguém se visita mais. As crianças vivem confinadas em casa, não podem sair porque há um grande risco lá fora.

Desde pequenos, mexem no celular, assistem desenhos na tv, ficam trancados na sala onde fica a tv. Os pais fazem cerca em volta da casa para que os filhos não saiam, para que não mexam nos cachorros e nos bichos que estão do lado de fora, para que não sujem a roupa na lama ou no mato, para que não brinquem com outras crianças, por medo de doenças ou de machuquem a sua criança. Desde pequenas, vão à escola e voltam para casa, só isso, virando rotina. Não podem ir à casa dos parentes para brincar quando chegam da escola, por que até mesmo os parentes não têm mais paciência com os filhos de seus próprios parentes, porque vão sujar a casa ou comer as coisas dos filhos deles. Isso se tornou lei na casa de uns e de outros. Apenas se visitam se a casa possui internet com wifi.

Isso acontece em algumas casas, em outras, nem tanto. Pelo fato de não terem condições de comprar celular, ainda existem crianças que fazem os serviços da casa, ainda brincam com seus irmãos, e fazem o que os seus pais fazem, pois quem têm que fazer as coisas na frente das crianças são os mais velhos, para que elas possam fazer igual.

Anos atrás, os avós cuidavam de seus netos como se fossem seus filhos, os avós ensinavam tudo. Os netos estavam sempre com os seus avós, sempre juntos, tudo que os avós faziam era repetido pelos netos.

Ainda hoje, há netos que são cuidados pelos seus avós, mas não com tanta frequência. Os filhos ficam mais tempo com os pais que, quando eram pequenos, tinham mais liberdade, podiam ir onde quisessem, faziam de tudo. Hoje, as crianças não podem fazer, porque os pais estão envolvidos com a tecnologia e não podem atender os filhos. E o filho só aprende o que o pai fizer, como não faz, o filho não aprende nada. Por isso, paramos no tempo, não por culpa da tecnologia, e sim, pelo que os pais estão fazendo, pois os filhos se espelham nos pais.

Hoje, os pais não têm tempo para os seus filhos. Vivem muitos ocupados com a igreja, o trabalho e as redes sociais. Com isso, a criança só aprende o que ela quiser, pois não tem o incentivo dos pais. Os pais não ensinam mais a oralidade da língua indígena, não saem mais com os seus filhos e, por consequência, não os ensinam a conviver com a natureza.

Assim que o menino vai crescendo, ele já vai se virando, aprendendo a fazer as coisas sozinho, porque aprendeu com seus pais ou avós, assim, passa a ser um homem grande e já pode casar, porque ele já sabe se virar, pescar ou até mesmo ficar dias fora, para trazer algo para casa ou para procurar serviço.

Nas aldeias, ainda temos filhos que trabalham com os pais na roça, plantam milho e feijão, alguns chegam a fazer palanques com seus pais, outros aprendem a pescar e ir no rio, para já se acostumar com o rio e não ter medo dele, e vão com os pais na mata para caçar e ficam dias fora. Isso tudo quando o pai está presente na vida do filho, brincando com o filho, sempre junto.

Tempos atrás, os avós tinham esse papel, que era função da geração dos avós. As crianças aprendiam tudo com eles, porque moravam com eles. Tinham que aprender de tudo, porque no dia em que os avós precisassem, estariam ali, prontos para ajudar, e não reclamavam como reclamam hoje. Tudo é ruim, não se pode mandar nelas, mas os avós são muitos importantes na vida das crianças, porque boa parte do aprendizado vem dos avós.

Com a tecnologia, até isso está se perdendo, hoje, só se vai na casa da avó para almoçar. Há crianças que choram para não ir com os avós. Não era assim nos tempos atrás, as crianças choravam para ficar com seus avós. Os tios também tinham um papel muito importante, pois os tios ajudavam os pais e serviam de inspiração aos sobrinhos. Hoje em dia, esse contato não é tão comum, isso porque não se visitam, tendo criança que nem o nome do tio. Com a tecnologia, o tempo parou, parou tudo, mas não foram as crianças que pararam, foram os adultos. A tecnologia tem a sua culpa, mas quem faz acontecer são os adultos e as crianças ficam esperando.

O aparecimento das tecnologias de informação e comunicação: o rádio e a televisão, com todas as programações em língua portuguesa, os aparelhos celulares e, por último, o

computador, a internet e as redes sociais se tornaram fortes instrumentos dessa diminuição no aprendizado das crianças em relação à língua e à cultura Xokleng/Laklãnõ.

Mesmo com o avanço tão rápido da tecnologia, ainda existem famílias que tentam levar a vida normal de indígena: pescam no rio, nadam, os filhos têm liberdade de ir à mata e ao rio, às vezes, à casa dos parentes. Ainda cultivam roça, plantam e colhem, jogam bola de tarde, mas não ficam muito tempo na rua à noite, por medo. Há famílias em que os filhos ainda ajudam nos afazeres de casa, sem precisar ficar pedindo, pois já está no dia a dia deles.

Escola

Em 1938, foi implantada, pela primeira vez, uma escola na então Reserva Duque de Caxias, que tinha por objetivo ensinar a língua portuguesa para os indígenas, sendo uma iniciativa dos próprios Xokleng.

Atualmente, a escola tem uma função muito importante na educação das crianças, especialmente, a responsabilidade de passar o conhecimento. Na escola, os professores ensinam a língua e a história Laklãnõ, fazem trabalhos culturais e brincadeiras com os alunos para não perderem os costumes. A escola, além de promover o respeito entre os colegas, incentiva a participação dos pais nas reuniões, para saber como os filhos estão evoluindo. Quando o filho apronta, o pai também é chamado para ajudar a resolver o problema do filho.

Desde cedo, com 5 anos, as crianças já estão indo para a escola infantil, porque os pais não têm mais tempo de ficar com os filhos em casa. Há muitos pais que trabalham fora da aldeia e, por isso, não têm muito tempo com o filho. Antes, os pais sempre acompanhavam as crianças, ensinavam e eram presentes na vida dos filhos. De todo modo, ainda temos pais que ensinam os filhos a viver e aprender com eles.

Muitos indígenas estudam na escola dos brancos e aprendem a desvalorizar a própria cultura. Lá, os alunos indígenas são desprezados pelo fato de serem indígenas, é muito preconceito. A escola dos brancos fica bem longe da aldeia e os que lá estudam, não querem aprender sobre a cultura de seus antepassados. Muitas vezes, até mesmo os indígenas que estudam fora têm preconceito com quem estuda na aldeia, porque veem os pais fazendo isso com os próprios parentes.

Mas nas escolas indígenas, existem muitas formas de conscientização sobre a cultura, com a participação dos anciões, que contam histórias na oralidade e que depois são escritas e traduzidas. Em dias de festa na escola, são feitas apresentações de danças e cantos no idioma.

Os professores ensinam que devemos respeitar nossos anciões, que eles são a nossa história e que tudo o que temos é graças a eles.

A escola também ensina, de várias formas, nossa língua indígena, tanto na escrita como na oralidade. A língua xokleng fica na responsabilidade dos professores, porque os alunos não aprendem mais em casa, poucos pais falam com os filhos na língua materna.

Hoje em dia, existem poucos indígenas que falam na língua, porque existem muitos mestiços (filhos de mãe ou pai não indígena). Muitos se casam com brancos, com isso perde se bastante a cultura. Às vezes, se casam e vão embora da aldeia, e só regressam depois de certo tempo, mas os filhos chegam sem interesse na cultura. Outros até ficam, mas não falam em língua xokleng com os filhos, pois o português acaba se tornando mais fácil de falar e compreender.

Assim, os filhos também vão aprendendo, desde pequenos, que os índios são preguiçosos e malandros, por isso, se casam com os brancos, porque acham que os brancos são trabalhadores. Muitos se casam com brancos e não saem da aldeia. Quando essas famílias se desfazem, muitas vezes, os filhos são criados pelos avós, mas as crianças mantêm ainda esse pensamento racista.

Nos tempos de hoje, a escola tem um papel muito importante no aprendizado da criança, porque tem tudo que é necessário para se ensinar. A escola diferenciada tem matérias adequadas para o aprendizado, professores bilíngues, coordenadores da língua e da cultura, aulas práticas com anciões e saídas de campo, em que fazem práticas de tudo, como pescar, pegar lenha, nadar e até subir em árvores, como era feito antigamente.

Igreja

Inicialmente, a religião que veio para a Terra Indígena foi a católica, aproximadamente, em 1930, e várias pessoas se converteram e seguiram a doutrina dessa religião. A intenção era de converter os indígenas para que se esquecessem da crença tradicional.

Com o passar dos anos, chegaram os evangélicos, quando vários índios aceitaram essa denominação. A Assembleia de Deus, inaugurada em 05 de junho de 1955, foi a primeira igreja evangélica.

Hoje, existem várias denominações evangélicas na Terra Indígena Laklãnõ, que possui nove aldeias e cada aldeia deve ter duas igrejas. A Assembleia de Deus está em todas as aldeias; Madureira, nas aldeias Figueira e Palmeira; Celeiros Missionários, na aldeia Plipatól; além de outras menores.

É importante falar sobre o papel da igreja na diminuição dos falantes da língua, porque os Xokleng/Laklãnõ acreditavam nos espíritos da natureza. A doutrina da igreja não permitia, dizendo que acreditar nos espíritos é coisa do satanás, do demônio. Ir à igreja era mais importante do que aprender com os mais velhos. Por causa disso, saber o português passou a se tornar mais importante para os Xokleng/Laklãnõ, pois podiam ler a Bíblia Sagrada e assistir aos cultos e às pregações, que eram realizados em português.

Construção da Barragem Norte

A construção da Barragem Norte teve início em 1972 e foi finalizada somente em 1992. O seu impacto foi tão forte que destruiu os sonhos e esperanças que haviam sobrado após o contato. Antes da barragem, havia muito local bonito para tomar banho e, por serem bem rasos, as crianças brincavam sem medo, ficavam o dia todo, ali, brincando. Os pais ensinavam os filhos a brincar, nadar e pescar para o consumo, mas a construção da barragem acabou com tudo, com as casas que havia à beira do rio e as plantações, fazendo com que os índios subissem os morros para morar, deixando para trás muitos sonhos, o futuro e as brincadeiras.

Com a barragem vieram coisas ruins, enchentes, alagamentos, mortes. Os locais onde se brincava não existem mais, A barragem deu fim a isso. A água é barrenta, suja e imprópria para o consumo. Existe só lama, no lugar em que, até a alguns anos atrás, as pessoas se encontravam para nadar, para pescar e acampar.

A barragem causou um impacto muito forte na nossa T.I., não existem mais brincadeiras de rio, não se brinca mais de pego ou de disputar corrida de canoa, de cruzar o rio a nado. Não temos como deixar as crianças brincarem sozinhas no rio, não existem mais peixes, pois a barragem comeu tudo. Isso acontece todo dia, por termos perdido tudo, nossas brincadeiras, nossos sonhos, nossa infância e nossa liberdade de viver feliz na mata e no rio.

Quem quiser tomar banho de rio, tem que ir do lado de baixo da barragem, em meio às pedras, aonde existe uma ponte velha. Também há correnteza, com as saídas de água da barragem. No verão, muitas pessoas vão tomar banho, e ainda pescar, com anzol, tarrafa e o vadjyn, feito de bambu e madeira, para pegar peixe. Todo mundo ajuda na sua confecção, até as crianças que ficam nadando e brincando no rio. A água que passa ali é escura, cor de barro, e possui gosto estranho, mesmo assim, nadam e utilizam essa água.



Fonte: foto de Átila Mokli Patté (2019).

Figura 4 - Crianças brincando na lama na beira do rio, Aldeia Palmeira



Fonte: foto de Jaqueline Teie Dimmer (2019).

Considerações finais

Fazendo minha pesquisa sobre jogos e brincadeiras, pude perceber que existiram vários momentos que interferiram muito no modo de viver dos Xokleng. Desde o início da colonização, no contato, com a entrada da escola e da igreja na terra indígena, e depois, com a construção da Barragem Norte e o avanço das tecnologias de informação e comunicação.

No entanto, concluo que, após passar por todo esse período de interferências no modo de viver e fazer, mesmo assim, a cultura e as tradições indígenas são transmitidas. Com a tecnologia tem sido difícil, com os adultos que pararam no tempo, ficando sem tempo de repassar à nova geração o que aprenderam com seus antepassados. E as crianças também param no tempo, esperando pelos pais. Vejo ainda que os anciões têm sido muitos utilizados,

tanto na escola, quanto nas pesquisas das faculdades. A escola desempenha um papel importante, chamando os anciões, que ficam o dia inteiro na escola, passando o seu conhecimento.

A igreja ainda continua com sua doutrina rígida, sob a qual, não se pode fazer nada que não agrade ao pastor da igreja, que não agrade a Deus. Concluo que a igreja é mais forte do que a tecnologia, pois ainda podemos utilizar a tecnologia a nosso favor, passando o conhecimento da cultura por meio dela, mas a igreja tem uma doutrina muito firme contra isso. Embora, com o passar dos anos isso também está mudando: as brincadeiras estão sendo feitas nas igrejas, de forma que os jovens e as crianças possam brincar e se divertir sem competição. A igreja começa a ser vista de outra maneira, atraindo os jovens.

A barragem, além de ter alterado o nosso modo de viver, ainda causa impactos até hoje. Por ser represa, acumula muita lama, que é prejudicial à saúde, e os períodos de chuva provocam alagamentos que acarretam um transtorno enorme e geram medo na comunidade

Apesar de todos impactos sofridos e de todas as interferências ao longo do tempo, a cultura Xokleng não pode acabar, ainda há muito o que fazer sim, com a ajuda de todos, principalmente, da escola e da tecnologia. Os adultos têm que tomar atitude para dar continuidade ao que aprenderam, dando mais atenção às crianças que são o nosso futuro.

Referências

HOERHANN, Rafael C. de L. e S. A pacificação documentada: parte III. **Blumenau em Cadernos**, Cultura em Movimento, 2008.